

ELSINORE

Raquel Gaspar Silva



**FÁBRICA  
DE MELANCOLIAS  
SUPORTÁVEIS**

*À minha filha, ao meu marido e às mulheres da minha vida.*

*All sorrows can be borne  
if you put them into a story  
or tell a story about them.*

**Karen Blixen**

# 1

Ali estava ela, sentada no banco da frente, a absorver tudo. A sentir o cheiro adocicado a madeira e incenso. A baloiçar as pernas de olhos postos na santa, a melhor de todas as mães. Os olhos abertos e muito curiosos. Memória desperta, sentidos apurados e pele de galinha nos antebraços. Demasiado pequena para tocar no chão com os pés. Demasiado pequena para entender a fé ou a devoção ou o sagrado da vida e o profano do sonho. Sapatos pretos de verniz com uma fivela no peito do pé e soquetes de renda branca. Um vestido novo, com padrão aos quadrados e uma gola redonda a tocar os ombros, mangas de balão. A franjinha lisa a afagar as pestanas.

(Uma partícula na cadência magnética do imensurável contentor octogonal de espiritualidade que, visto de fora, era apenas uma pequena igreja de paredes tortas que não deixava adivinhar a magia que tinha dentro.)

O frio da igreja, gelada, onde havia uma pequena divisão na qual todos os medos ganhavam forma — não era um medo racional, era um fascínio feito de pernas, braços, cabeças, tudo em cera e miniatura, e cabelo, cabelo verdadeiro, em tranças, mechas presas com fitinhas, e os pequenos quadros de madeira (com desenhos

que achava um bocadinho mal feitos) e, esticada numa parede, a pele de uma cobra enorme que carregava uma lenda que não chegava a ser lenda, porque quando a menina a recordava era ela a moura com sede que, a caminho da ermida, se sentou no rochedo a descansar.

Poderia descascar uma laranja ou matar a sede levando o cocho de cortiça aos lábios secos, deixando-os colar devagarinho, ou simplesmente tirar o lenço em turbante da cabeça, passar a mão pelo pescoço e sentir o cheiro e o sabor do próprio suor. O rochedo era viscoso e respirava por entre escamas grossas. Um homem corria em seu auxílio. Gritava. «Foge daí, menina, que estás sentada numa cobra!» Ela largava a laranja, o cocho e o lenço, e via a faca trespassar a cobra e esfolá-la como a um coelho. O homem carregava a pele da cobra às costas e a menina ao colo. A memória ilustrada ganhava vida na confusão fértil da sua imaginação de criança, raposa que espiava tudo em silêncio.

Recordaria esse entardecer na igreja como uma tarde de festa, com famílias espalhadas pelos baixos montes a comer o seu farnel, nervosas como piolhos, a falar alto e de boca cheia, roupa a cheirar a naftalina, gente estendida em mantas velhas, e moscas, moscas contentes como cães a pular em cima de uma cama. Os carros parados a tombar na inclinação dos montes, com as portas abertas, caravanas nómadas apinhadas de sacos e sacos de coisas que se levavam para remediar uma eventual falta. E ela dentro da igreja, a imaginar-se um botânico a recolher amostras, a estudar todos os organismos que geram oxigénio, a pensar na árvore genealógica de folhas embrionárias que brotava selvagem de si para o mundo.

Anos mais tarde, teria a sensação de que se sentou no mesmo lugar todos os dias, vivendo numa pele de si mesma com anos de atraso, voando para trás e para a frente, bumerangue através do tempo. Sentada no banco da igreja, na nave central, mesmo no epicentro da cova da fábrica, trabalhando na forja da sua história, ouvindo as outras vozes que ascendiam do entulho dos mortos por baixo de si.

As vozes dos mortos da peste, velhos, crianças, mulheres, numa sintonia de bichos que cresciam na morte para à morte pertencerem e ninguém os conhecer. A igreja, os ex-votos, a santa, o caminho de cabras para a ermida, as urtigas que faziam arder a pele, o cheiro do ensopado de borrego, os estofos de pele do carro do avô, duros e com buraquinhos, a cabeça da avó e todo esse pequeno mundo recordado numa constante aos solavancos na memória.

A avó aparecia de vestido lilás ou com um luto de fazenda pesado. O avô era jovem e velho. Ela crescia e minguava. A aldeia era escura e clara. Os anos zigzagueavam. A igreja enchia e esvaziava numa clepsidra imprecisa.

Os anos passaram. A insistente presença das imagens pedia uma história, um quadro, algo que silenciasse aquela gritaria para sempre. O tempo nadou devagar e quando alcançou uma distância de décadas em relação àquela tarde na igreja, parou imóvel, e a menina soube que o seu tesouro de ourivesaria sentimental, causa de horror e espanto, à luz de uma maturidade diferente e depois de desvendados remotos mistérios, seria finalmente uma história contada, uma banal história de família.

Foi uma espera nervosa pelo momento certo, até que a sua intuição vulpina torceu a favor. Escrever seria como mudar de roupa numa

praia cheia de mirões, à pressa. A sensação de vertigem por não ter como esconder o corpo, escrever como quem grita: «Vão-se embora!»

Tinham morrido todos exceto Carlota. Adormeceram nos afluentes da existência, em permanente ritual de passagem. Carlota viveria sempre (numa cúpula de eternidade indestrutível, porque é assim o amor de uma filha por uma mãe emprestada). A cada queda da noite, seria uma estrela num céu inesgotável de assuntos que se multiplicariam nos discursos dos que se diziam família, regando a sua carne até esta se desfazer e a morte ser nascimento, dando nova fisionomia à memória. Devolvida a uma história, mas nunca a si mesma.



## 2

As viagens de fim de semana à aldeia escreveram um pontilhado de frases absurdas, e a verdade foi-se dissipando na sua cabecinha engenhosa. O carro branco avançava na estrada a um ritmo descompassado, o avô colava as duas mãos no volante à altura do queixo, e do banco de trás a menina avistava um marinheiro medroso que agarrava inseguro o leme: o alcatrão inchava-se encaracolado numa onda e arrastava o carro para o meio do mato – a certeza parva de que morreria num acidente de carro.

Quando passavam pelo Monte do Castelo Ventoso, o fantasma de um bisavô lendário aparecia gigante a acenar melancolias para logo desaparecer atrás da placa com o nome da aldeia. Fechava os olhos: quando o cheiro a lume apagado e a manteiga rançosa lhe chegava às narinas, sabia que tinham chegado. Ilesos.

A aldeia encolhia-se no regaço de um pequeno monte com as casas alinhadas em roda como uma serpente branca a morder a cauda. Aquela era a sua paisagem, sua na apropriação das vistas de turista accidental que em fúria tudo fotografa, para levar para casa um bocadinho do lugar estrangeiro, e na bisbilhotice do perguntar muito sobre todos e sobre tudo. A menina ali pertencia. Andava



à vontade, sentia e ouvia as palavras da avó. Era o tempo em que não se trancavam as portas da rua e não se mapeavam perigos ou riscos na irrequieta aventura de ser criança.

Tudo era alcançável — árvores, muros, covas, tanques, poços, bichos, terra, lixo, a intimidade das pessoas. Mais que procurar brincar com outras crianças, era a excitação de entrar numa casa que não conhecia, o acontecimento que lhe enchia o peito de ar fresco: o seu focinho afilava-se para caber em todos os recantos de esconderijos repletos de preciosidades.

Na aldeia, a menina percorria o tempo da vida humana. Completa. Todos os lugares eram sítios de brincadeira onde um tempo amansado introduzia um catálogo de personagens cuidadosamente pensadas e capacitadas de um poder obscuro às quais o seu intruso interesse retribuía afeto. As viúvas vestidas de preto na sua intensidade dramática, sentadas na rua à hora de apanhar o fresco, com a pele da cor de múmias egípcias, com o seu enciclopédico conhecimento da vida, criaturas abissais que a olhavam em silêncio e para as quais ela tentava sorrir para escapar ao vodu, menina escorregadia de sorriso veloz, antílope atingido por um dardo em plena corrida. Respeitava os sinais externos do pesar e da tristeza, o luto, a palavra negra que significava *enterrar* e *caixão* e *cemitério*; via mortos, e morrer doía, e os mortos assustavam-na.

Mais real era o aturdimento em que ficava quando lhe diziam que iam para a aldeia porque era o tempo da matança do porco e a avó teria de ajudar a desmanchá-lo. Enquanto o animal era preparado, dominado por um grupo de homens até ser vencido e ficar esticado no banco corrido de madeira, brincava na estreita ruazinha, aproveitando o chão limpo. Quando a faca silenciava os guinchos

do animal, enterrando-se na barbela, o porco ia chorando em agonia lenta a dor de ser esventrado. Ela afastava-se e via na lonjura o animal moribundo, com o coração aos pulos e fechando habilmente os olhos até desfocar, ouvia o escorrer do sangue que enchia o alguidar como uma torneira aberta que vai fechando até gotejar.

O porco ficava pendurado no teto do compartimento de passagem para arrefecer. Quem atravessasse o compartimento encalhava no porco e fazia ranger o gancho. Ela conseguia, apesar do escuro, ver o golpe que atravessava o corpo do animal e a sua boca semicerrada e preta. O fascínio acendia no teto uma minúscula luz que o iluminava até às entranhas. Via as cores outonais do porco morto, os intestinos cinzentos, o fígado castanho e as pregas rosadas da pele viscosa onde estavam pregados os órgãos. Os dentes tinham um rebordo acastanhado como chocolate, tal qual os dentes de uma colega de escola: é tártaro, filha! Cabia dentro do porco — os ganchos de ferro que o prendiam suportariam o seu peso —, podia sentar-se dentro do porco, molhar a roupa com o sangue e segurar as pregas grossas do golpe, baloiço para a infância. Atirava coisas para junto da porta só para o espreitar, vezes sem conta, até ser noite e jantar o seu sangue cozido com sopas de pão.

Improvisavam uma mesa de jantar no apertado sótão de trabalho na casa dos tios com tábuas corridas sujas de cola amarela seca e manchas do petróleo de lavar as trinchas. Eram necessárias três toalhas para a compor, e mesmo através do tecido grosso e do cheiro a guardado sentiam-se as rugas da cola que entortavam ligeiramente os copos. Fazia um frio de rachar — se não vedassem tão mal as velhas janelas, teriam morrido todos os anos asfixiados pelo lume de chão, naquelas ocasiões. Morreriam asfixiados todos os anos e matariam sempre o mesmo porco.

A natureza daquelas paragens era uma besta ignorante que, na sua simplicidade inculta e monstruosa de azinheiras e sobreiros, sustentava lebres, coelhos e perdizes. Tinha o capricho de duas ribeiras, uma estéril, que produzia nas suas margens mato de azinho e sobro, e uma outra mais rica, que criava livremente no seu leito uns pequenos peixes chamados bordalos e pardelhas. O seu lado mais primitivo permitia que víboras e lacraus se reproduzissem em abundância, mas logo o governo espiritual daquela gente quis derrubar a tirania destes bichos chamando à devoção um São Bento ocupado. Nas preces invocavam um Golias que os protegesse das mordeduras, e respondeu o São Bento, que escapara a uma morte por envenenamento e fizera sair de um cálice uma serpente. Guiado pelo seu corvo, veio para a aldeia, onde viveu, eremita. A vida de um santo é sempre curta, difícil e infeliz. Já a morte é eternamente gloriosa e celebrada. Acreditando que São Bento viveu ali, os anos apagaram metodicamente qualquer vestígio arqueológico, tornando-o um ser observável apenas com a vista grossa da religião — e até na morte o corpo físico de um santo é celeste de evidências sagradas.

A aldeia era desgovernada, sem serra, sem castelo, sem mar e sem posto de correios. O grande terramoto de Lisboa havia deixado apenas algumas fendas e rachas nas paredes, e da índole daquele povo não havia nada digno de memória, nem estátuas ou heroísmos. Havia uma audácia à escala humana, de resistência ao trabalho duro do campo, à tirania da fome, à derrota por mortes de doenças desconhecidas, consideradas castigos divinos, um mundo oculto com um inferno particular. Uma aldeia de heróis sem coroa ou medalhas, reconhecidos ou menosprezados nas alcunhas, ofensas e elogios do dia a dia.

# 3

No lugar da ermida houve, em tempos muito distantes, um pequeno nicho de barro. A reentrância encontrava-se numa parede de um abrigo modesto edificado pelos monges da Ordem do Monte Carmelo.

Movidos por uma devoção beata os monges pintaram, na concavidade, uma tosca imagem de Nossa Senhora do Carmo. Mergulhados na privacidade da sua vida solitária prestavam um dedicado culto à advogada dos pecadores mais abandonados, iluminando as trevas de solidão da capelinha improvisada.

Ali viveram isolados durante algum tempo, fugidos dos Muçulmanos, sem que o povo conhecesse a sua existência. Abandonaram o lugar no mesmo dia em que, cá em baixo, na aldeia, o ferreiro colocava na bigorna um punhado de trigo tremês para depois esfregar o óleo queimado ao longo da cintura da bisavó Elisa, ainda moça. O cobro.

Elisa ainda brincava ao faz-de-conta. Enrolava as vestimentas, descia as meias até aos artelhos — até sentir as pernas despidas. Sentada em pose de índio, sofarçava o rabo na terra e desenhava no chão com os dedos, deixando os insetos do quinchoso trepar por ela, como se um tronco.

A aranha envenenara com a sua peçonha a barriga de Elisa, formando um cinto incompleto de bolhas no lugar onde se segurava a saia. Ela correu ao soldador para o tratamento vernáculo, e os monges silenciosos e descalços eclipsaram-se do monte, sugados por uma nuvem de um cinzento pantanoso que cobria o céu em forma de uma boca gigante. Levitaram com os pés, tilintando como sinos na direção da garganta celeste: quanto mais longe da terra e perto do abismo, mais se assemelhavam a clarões-fantasma desaparecendo no infinito.

Dias mais tarde, uma mulher que por ali vagueava avistou a casa de barro. De olhos desautorizados, precipitou-se para o seu interior. Viu a santa esborratada, que lhe conquistou a alma, ajoelhou-se no seu descaramento religioso e, mãos postas em oração, pediu-lhe uma cura para o mal de que padecia. Sentindo-se imediatamente curada, e sem que a cura tivesse algo que ver com ciência, correu em passada de lebre até à aldeia para anunciar o milagre.

O impacto da notícia foi tremendo, e recolheram-se esmolas e ablações para se construir uma ermida no lugar da casinha rudimentar. Iniciou-se nesse tempo uma cega peregrinação que levava ao lugar, em cega esperança, deformados e doentes, quer vizinhos quer distantes, pela busca de um consolo invisível. Formava-se um carreiro de gente entre a ermida e a aldeia, delgada corrente de pessoas que, a passo de procissão e boca semiaberta, percorriam a sinuosa via-sacra até à capelinha dos milagres.

Dos céus, um Deus olhava o fio de figurinhas pretas, e um perverso instinto infantil estimulava em si uma vontade doida de as espezinhar, num súbito transformado em menino de arrepio no cabelo e joelhos esfolados.

O comitê religioso, astuto nas estratégias de motivação, deliberou que uma imagem física da santa milagreira garantiria a aprovação e o reconhecimento da alta instância divina, e tratou de encomendar a uns artesãos católicos. O processo de criação era bastante terreno: nas mesas de trabalho transpirava-se para garantir a irrepreensível materialização de uma entidade sagrada que não era mais que uma boneca ricamente vestida. Deste caos artesanal, trabalho sujo e desarrumado, surgiu um cosmos destinado a ser iluminado e protegido pelos reinos do céu.

A fábrica dos santos era uma estrutura biológica onde cada um se dedicava a uma célula, um barracão velho onde trabalhadores talentosos criavam vida, moldando diferentes tecidos para fazer os membros à semelhança dos das gentes. Impressionava o móvel de parede, com pequenas gavetas vidradas na frente onde se viam os braços soltos, pernas, pés e cabeças carecas guilhotinadas, conforme diziam as etiquetas. Impressionava a tudo menos casta necessidade de trabalhar fazendo santos para pôr o pão na mesa.

A chegada da santa à ermida ditou o feriado da Festa do Espírito Santo. A santa foi recebida em celebrações, com as atenções e os corações focados na pequena urna que a transportava. Tinham-na trazido do céu onde Deus a fabricou, visão exagerada do povo crente que os olhos negavam. Quando abriram a urna e a santa surgiu, as feições duvidosas da imagem, nos seus mais insondáveis mistérios, algures entre a infância e a puberdade, convenceram a menina de que a santa era anã, pois não fazia sentido que uma criança merecesse o castigo de ficar eternamente imóvel e empoleirada numa estante. Castigada ou não, era a rainha intocável do lugar de vocação.

Os louvores à Terceira Pessoa da Santíssima Trindade duravam um fim de semana de engorda, à base de ensopado de borrego e argolas de pão frito amassado em fúria para estar pronto à hora de ser benzido pelo pároco. A mediação com o divino era um encher de barriga regado com vinho.

*[O cheiro do vinho entornado, do suor dos corpos, do pasto prensado pelas mantas, a palpável trepidação das conversas eufóricas... a morfina da tarde a provocar a intensa sonolência dos sentidos.]*

A circunstância proporcionou que um bêbedo que por ali andava cambaleando, entre as rodas dos banquetes familiares, entornando copos de vinho e mergulhando o rabo nos pratos de sopa, chegasse ao altifalante do padre para rogar uma praga. Agarrado pelo braço, gritou a pulmões embriagados que viria ao mundo um homem que, nas noites claras, andaria sobre as quatro patas.

Ninguém emprenhou pelos ouvidos, mas, no fundo, as gentes davam razão aos desígnios de Deus, entregando o coração a profetas ocasionais. Acreditavam nas bruxas e visitavam os virtuosos na aflição de uma fatalidade, oscilando entre a sombria consciência dos bichos do escuro e a clarividência da fauna do paraíso terrestre.



« Sentada no banco da igreja, na nave central, mesmo no epicentro da cova da fábrica, trabalhando na forja da sua história, ouvindo as outras vozes que ascendiam do entulho dos mortos por baixo de si.»

A narradora esperou pela morte dos seus para começar a transformá-los em personagens. Mas Carlota, irmã dedicada, mãe de uma prole a que nunca deu à luz, não morreu. Vive na história, numa cúpula de eternidade indestrutível. Esta história é dela e (talvez) para ela.

Foram poucas as vezes que Carlota contou alguma coisa sem omissões — era assim que se libertava dos outros. Contou que eram seis irmãos e que nunca passaram fome. Dos pais, lembrou a coragem, e à memória que deles tinha acrescentava elogios — mas quando o fazia, recuava ou inclinava o corpo para trás.

Quando todas as personagens começaram a morrer, o rebuliço incômodo da escrita surgiu. A ferida. E como saber tudo? Onde está a verdade? Não importa. Na fábrica de memórias suportáveis em que todos nos vemos, em que nos encontramos, nestas páginas sobre o que é ser uma família e o que é recordar, somos todos uma história.

**ELSINORE**

entre nós e as palavras

**20|20 editora**

ISBN 978-999-8864-02-4



9 789898 864024

Ficção em Língua Portuguesa

YOU ARE WELCOME TO [WWW.ELSINORE.PT](http://WWW.ELSINORE.PT)